



Por uma Campina Grande moderna. Arquitetura e documentação

Alcilia Afonso de Albuquerque e Melo¹

Ivanilson Pereira

Lucas Jales

Resumo: O artigo pretende divulgar os resultados de estudos que vêm sendo desenvolvidos pelo Grupo de pesquisa arquitetura e lugar/ GRUPAL.UFCG em prol do resgate documental da arquitetura produzida na cidade de Campina Grande, Paraíba, nordeste brasileiro - durante o recorte da modernidade -, abarcando o período dos anos 50 a 80 do século XX. Justifica-se trazer à tona tais resultados, por ser uma forma de contribuir com a preservação patrimonial arquitetônica local, regional e nacional, em um cenário dominado por uma crise patrimonial brasileira, que apresenta um quadro difícil, com a falta de uma política preservacionista em todos os seus níveis, e que deveria incentivar as pesquisas, a capacitação técnica, a preservação arquitetônica em todo seu arcabouço documental e da própria obra em si. Documentar, sem dúvida, é o primeiro passo do trabalho de preservação patrimonial. Reunir as informações através de levantamentos arquitetônicos, de ferramentas como o redesenho, a reconstrução virtual, permite com que estas edificações sejam resgatadas, analisadas, documentadas, demonstrando seus atributos arquitetônicos, seus valores projetuais, construtivos, espaciais e socioculturais. Desde maio de 2015, o grupo vem atuando, levantando informações referentes à produção arquitetônica moderna campinense. Ao longo desses anos, foram mais de quinze pesquisas arquitetônicas, que resultaram em inventários, fichamentos, análises, além de artigos publicados em eventos científicos e periódicos, na realização de monografias de trabalhos de conclusão de curso, em projetos de dissertações de mestrado. Resgatar o acervo moderno campinense, sensibilizando a sociedade sobre a importância de preservá-lo é nossa meta, inserindo-o no rol dos bens imóveis de valor cultural para a cidade e seus cidadãos.

Palavras-chave: Arquitetura Moderna; Cidade; Documentação; Patrimônio Arquitetônico; Preservação.

For a modern Campina Grande. Architecture and documentation

Abstract: The article intends to disseminate the results of studies that have been developed by the research group architecture and place / GRUPAL.UFCG in favor of the documental recovery of the architecture produced in the city of Campina Grande, Paraíba, northeastern Brazil - during the cutting of modernity, encompassing the period from the 50s to the 80s of the 20th centuries. It is justified to bring such results to light, as it is a way to contribute to the preservation of local, regional, and national architectural heritage - in a scenario dominated by a Brazilian heritage crisis, which presents a difficult situation, with the lack of a preservation policy in all levels, and that should encourage research, technical training, architectural preservation throughout its documentary framework and the work itself. Documenting, without a doubt, is the first step in the work of heritage preservation. Gathering information through architectural surveys, tools such as redesign, virtual reconstruction, allows these buildings to be rescued, analyzed, documented, and demonstrating their architectural attributes, their design, constructive, spatial, and sociocultural values. Since May 2015, the group has been working, gathering information regarding the modern architectural production of Campinas. Over these years, there were more than fifteen architectural research, which resulted in inventories, records, and analyses, in addition to articles published in scientific events and periodicals, in the completion of monographs of course completion papers, in master's dissertation projects. To rescue the modern Campinas collection, making society aware of the importance of preserving it, is our goal, placing it in the list of real estate assets of cultural value for the city and its citizens.

Keywords: Modern Architecture; City; Documentation; Architectural Heritage; Conservation.

¹ Doutora em Projetos Arquitetônicos pela ETSAB/ UPC. Professora Adjunta da Universidade Federal de Campina Grande.

Introdução

O artigo pretende divulgar os resultados de estudos que vêm sendo desenvolvidos pelo Grupo de pesquisa arquitetura e lugar/ GRUPAL.UFCG em prol do resgate documental da arquitetura produzida na cidade de Campina Grande, Paraíba, nordeste brasileiro- durante o recorte da modernidade, abarcando o período dos anos 50 a 80 do século XX.

Justifica-se trazer à tona tais resultados, por ser uma forma de contribuir com a preservação patrimonial arquitetônica local, regional e nacional- em um cenário dominado por uma crise patrimonial brasileira, que apresenta um quadro difícil, com a falta de uma política preservacionista em todos os seus níveis, e que deveria incentivar as pesquisas, a capacitação técnica, a preservação arquitetônica em todo seu arcabouço documental e da própria obra em si.

Documentar, sem dúvida, é o primeiro passo do trabalho de preservação patrimonial. Reunir as informações através de levantamentos arquitetônicos, de ferramentas como o redesenho, a reconstrução virtual, permite com que estas edificações sejam resgatadas, analisadas, documentadas, demonstrando seus atributos arquitetônicos, seus valores projetuais, construtivos, espaciais e socioculturais.

Desde maio de 2015, o grupo vem atuando, levantando informações referentes à produção arquitetônica moderna campinense. Ao longo desses anos, foram mais de quinze pesquisas arquitetônicas, que resultaram em inventários, fichamentos, análises, além de artigos publicados em eventos científicos e periódicos, na realização de monografias de trabalhos de conclusão de curso, em projetos de dissertações de mestrado, e finalmente, em um livro, Campina Grande Moderna (Afonso, 2020). Estudar o acervo moderno campinense, sensibilizando a sociedade sobre a importância de preservá-lo é nossa meta, inserindo-o no rol dos bens imóveis de valor cultural para a cidade e seus cidadãos.

Com tal proposta, o grupo em 2021, trabalhou na organização de um livro intitulado Campina Grande Moderna (AFONSO, 2020), que se trata de uma coletânea sobre a arquitetura moderna campinense: uma proposta que reuniu parte da documentação com enfoque arquitetônico, sobre os principais personagens, obras, princípios projetuais, relações profissionais, que colaboraram na construção do acervo moderno da cidade, e que poderá servir de base, de “semente” para o aprofundamento futuro de cada tema trabalhado na obra. A intenção ainda é formar um arcabouço que possa subsidiar possíveis intervenções futuras, caso o imóvel em pauta ainda não tenha sido drasticamente demolido.

Aporte teórico de apoio às pesquisas sobre modernidade na arquitetura

As palavras chaves trabalhadas nas pesquisas sobre a modernidade campinense e nesse artigo, estão voltadas para os conceitos de arquitetura moderna, cidade, documentação, patrimônio arquitetônico e preservação. Nossos objetos de estudos são obras e arquitetos da modernidade brasileira, que foram produzidas e influenciadas por uma discussão e adoção de uma linguagem universal que dominou a Europa a partir da década de 20 do século XX, com os ensinamentos da Bauhaus e seus mestres, tais como Walter Gropius, Mies van der Rohe, Marcel Breuer, entre outros, bem como a base teórica e prática produzida e difundida por Le Corbusier, através de critérios projetuais como a adoção do esquema dominó, os cinco pontos da arquitetura moderna (planta livre, uso de pilotis, janelas horizontais, fachadas livres e adoção de tetos jardins).

A arquitetura moderna surgiu como uma resposta à necessidade de reconstrução de cidades no pós-guerra europeu, procurando a racionalidade projetual, construtiva, adotando uso de tramas ordenadoras, módulos estruturais e espaciais, atenção à estrutura e ao detalhe, abstração formal, busca de espaços permeáveis e transparentes (PIÑÓN,1997). No Brasil, a linguagem moderna começou a ser discutida e implantada, de fato, anos após a Semana de Arte Moderna em 1922, realizada em São Paulo, através da primeira visita de Le Corbusier ao país em 1929, quando manteve contato com o mestre Lúcio Costa, que atuava no Rio de Janeiro, como professor e arquiteto, o qual disseminou na Escola carioca os ensinamentos apreendidos dessa relação. Dessa maneira, pode-se afirmar que Le Corbusier é o paradigma da arquitetura moderna brasileira, influenciando não apenas os membros da chamada Escola Carioca, mas de todas as outras existentes pelo país, como a Escola Paulista, a Escola do Recife, entre outras.

Oscar Niemeyer, por sua vez, também muito influenciado por Le Corbusier e pelo pensamento e prática bauhausiana, durante os anos de sua formação como arquiteto na Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro, foi criador de uma linguagem moderna original e que dialogando com a proposta de fusão entre moderno e tradicional sugerida por Lúcio Costa, influenciou todo o Brasil em sua fase de modernidade precursora, conforme colocou Segawa (1997).

A modernidade arquitetônica nordestina, que tem uma de suas origens na Escola de Recife (AFONSO, 2006), absorveu essa base teórica europeia, somada às adaptações nacionais à linguagem universal da modernidade, propostas pela Escola carioca, e dá formação a uma série de discípulos (AFONSO, 2020) que produziram nas cidades nordestinas, obras com características similares, sendo constatado uma nítida linha projetual e até mesmo, construtiva.

As cidades nordestinas a partir dos anos 20 do século XX, aspiravam à modernidade, e procuravam através de discussões intelectuais e urbanísticas, tais caminhos (REZENDE, 1997). Inspirados nos discursos de modernidade sanitária e urbanística, os políticos adotavam medidas drásticas urbanas, derrubando edificações históricas, abrindo novas avenidas, com a construção de novos bairros - tudo em nome do “progresso”. Documentar esse processo de modernização é fundamental, observando o discurso dos distintos atores envolvidos, a cidade enquanto cenário dessa transformação entre o antigo e o novo; bem como, a produção arquitetônica resultante da relação entre os distintos condicionantes sociais, econômicos, políticos, culturais, tecnológicos.

Importante, portanto, retomar o conceito de documentar e de documentação, trabalhado pelo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (Ferreira, 1988) para entender-se o ponto ao qual se pretende chegar com esse trabalho. Ferreira (1988, p. 228), conceitua documento, “como qualquer base de conhecimento, fixada materialmente e disposta de maneira que se possa utilizar para consulta, estudos”, e coloca ainda que a documentação, pode ser entendida “como um conjunto de técnicas que tem por fim, a pesquisa, reunião, descrição, produção e utilização de documentos de qualquer natureza”. Esclarece, também, que a documentação pode ser compreendida ainda, “como um conjunto de documentos destinado a esclarecer ou provar determinado assunto ou fato”.

Quanto ao conceito de patrimônio arquitetônico, Andrade Jr. (2020, p. 39) explica que este também é conhecido como “patrimônio edificado - e corresponde a uma categoria do patrimônio cultural que compreende as edificações isoladas, os conjuntos arquitetônicos e os sítios urbanos aos

quais são atribuídos valores culturais”. Importante ressaltar que, no Brasil a Constituição Federal de 1988 definiu como patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial (artigo 216), reconhecendo que “o patrimônio é, antes de mais nada, um fato social, conforme colocou Feldman (2020, p. 57). Por sua vez, Camargo (2020, p. 169) esclarece em texto que o termo “patrimônio do moderno” foi consolidado em meados dos anos de 1980, “diante da possibilidade de reconhecimento dos bens culturais modernos como patrimônio, cujo atraso se deu devido aos critérios estabelecidos nas primeiras legislações europeias”. Para Camargo:

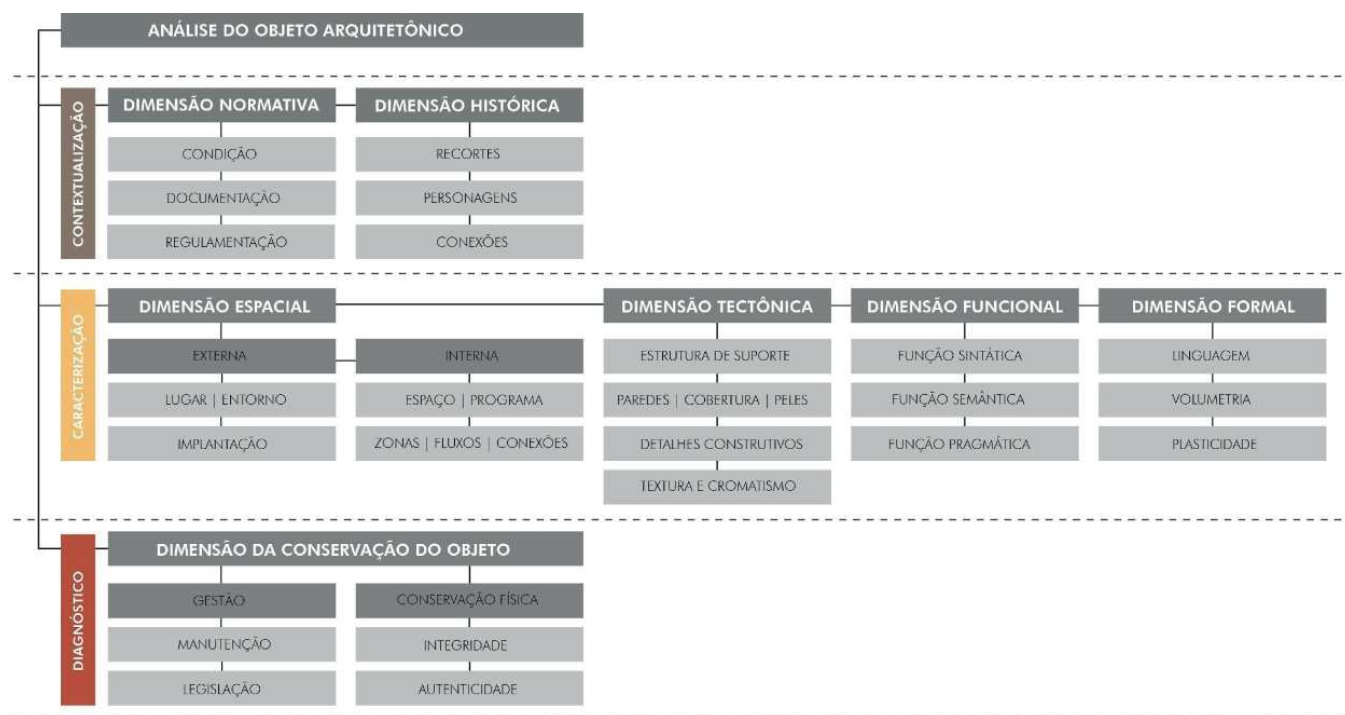
O alargamento da noção de patrimônio, a partir da Carta de Veneza (1964), consolidando a noção de bem cultural para além das obras excepcionais, permitiu a incorporação de indústrias, habitação operária, estações de transportes e manifestações sociais das mais variadas, diretamente relacionadas ao movimento moderno, dando relevância a esse legado (2020, p. 169).

Na década de 80 do século XX, o Conselho Internacional de Monumentos e sítios históricos (ICOMOS) e o conselho Europeu incluem em suas agendas o patrimônio do século XX, e estimulam a criação de instituições como o DOCOMOMO/ Comitê Internacional de Documentação e Conservação do Movimento Moderno (1988), que se estendeu por mais de 50 países, tendo sido criado no Brasil- em 1992, na UFBA/ Universidade Federal da Bahia, através do curso de mestrado em arquitetura e urbanismo, e atualmente consolidado em muitos núcleos regionais e estaduais.

As pesquisas divulgadas nos seminários nacionais e regionais do Docomomo Brasil demonstram a importância dos inventários sobre a modernidade, análises de obras, estudos biográficos dos arquitetos desenvolvidas pelos mais distintos grupos de pesquisa nacional, como por exemplo, o trabalho que vem sendo produzido seguindo essa linha, pelo Grupal/UFCEG. Preservar esse acervo é fundamental, através das ferramentas como inventários, registros, ações de educação patrimonial, diagnósticos das patologias dos bens modernos, bem como, proposições de projetos de intervenção no patrimônio edificado da modernidade, que apontem condutas para a conservação adequada de tais obras.

A metodologia adotada nas pesquisas arquitetônicas sobre modernidade

Para realizar tais estudos, é utilizada a metodologia de pesquisa que em seguida será exposta de forma sucinta (Figura 1).

Figura 1 – Esquema da metodologia da pesquisa

Fonte: Montagem de Ivanilson Pereira², 2020.

A metodologia de pesquisa adotada para os estudos realizados se apoiam em Afonso (2019) que analisa o objeto arquitetônico patrimonial (Figura 1) partindo de investigações e análises das dimensões arquitetônicas: 1) dimensão normativa; 2) dimensão histórica; 3) dimensão espacial (externa e interna); 4) dimensão tectônica (estrutura de suporte; peles; cobertura; detalhes; materialidade- texturas, cores); 5) dimensão funcional (sintática, semântica e pragmática); 6) dimensão formal (linguagem; volumetria; plasticidade); 7) dimensão da conservação (gestão e conservação física). Afonso esclareceu sobre as dificuldades metodológicas que os estudantes possuem em realizar análises arquitetônicas de objetos patrimoniais e sobre os diversos autores que dialogam sobre pautas investigativas que colaboraram na construção dessa análise das dimensões, conforme segue:

Devido às dificuldades dos estudantes em seguir um método que os oriente no desenvolvimento de trabalhos investigativos, ao longo dos anos foi construída uma linha de pesquisa que dialoga com outros autores clássicos na área, como Katinsky (2005), Serra (2006), Rovira e Gáston (2007), resultando numa proposta metodológica que tem obtido bons produtos acadêmicos, como trabalhos de conclusão de curso, monografias, dissertações, artigos publicados em periódicos, anais de eventos nacionais e internacionais (2019, p. 55).

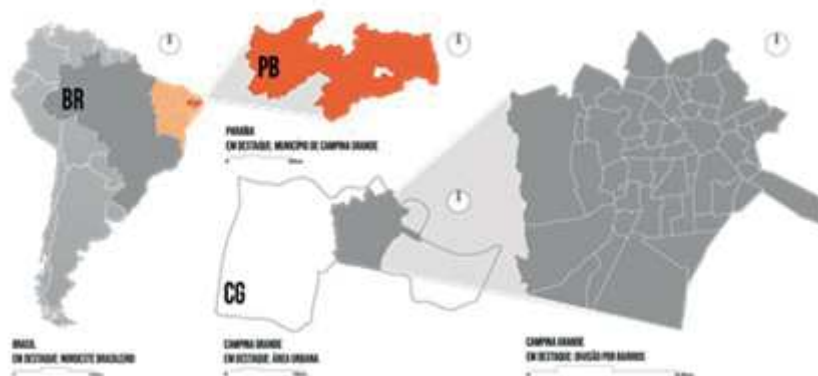
Sem dúvida, adotar uma linha metodológica contribuiu no desenvolvimento da pesquisa sobre cada arquiteto e sua produção moderna no recorte proposto dos anos 50 a 70, do século XX- facilitando as análises das obras arquitetônicas, e a criação de uma documentação resultante de redesenhos dos projetos originais coletados em arquivos públicos e privados, e de reconstruções virtuais utilizando ferramentas tecnológicas que auxiliarão em possíveis trabalhos de intervenção nesses bens.

2 Graduando em Arquitetura e Urbanismo (UFPG). Bolsista PIBIC, Grupo de Pesquisa Arquitetura e Lugar.

Recorte geográfico: A Cidade de Campina Grande e a modernidade

O contexto geográfico no qual realizamos nossas pesquisas é a cidade de Campina Grande, situada na região agreste da Paraíba, localizada entre a Zona da Mata e o Sertão (Figura 2). Inserida na porção oriental do Planalto da Borborema, possui uma altitude média de 551 metros, se destacando por possuir algumas áreas com relevo bastante acidentado.

Figura 2 – Escalas de macrolocalização de Campina Grande



Fonte: SEPLAN / PMCG (2006), Adaptado.

Com uma população de 411.807 hab. (IBGE, 2021), é a segunda maior cidade da Paraíba e exerce uma forte influência geográfica como Cidade-polo de comércio e de serviços, abrangendo, inclusive, localidades de estados vizinhos. Outro importante aspecto urbano local é a existência dos Açudes dentro da área urbana, como os Açudes Velho e de Bodocongó, que são marcos paisagísticos locais, onde ao mesmo tempo refletem a realidade da histórica escassez hídrica, comum ao interior nordestino.

Inserida no polígono das secas do Brasil, o clima local é do tipo semiárido, mas destaca-se pelas temperaturas mais amenas, principalmente no período de inverno, devido à localização serrana. A vegetação local destaca-se pela existência de espécies típicas da Caatinga brasileira, como juazeiro e umburana, e espécies exóticas, representadas principalmente pela algarobeira (JALES; BARROS FILHO, 2020).

Sua origem reporta a ter sido um entreposto comercial no século XVIII, elevado à categoria de cidade, em 1864 (QUEIROZ, 2008). Teve importantes ciclos econômicos que moldaram seu crescimento urbano, destacando-se, principalmente, o Ciclo do Algodão- do início do século XX, reforçado ainda pela chegada da linha férrea, e mais tarde com a industrialização promovida pelo capital local em parceria com a SUDENE/ Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste.

Na década de 60, a cidade recebeu incentivos fiscais da SUDENE, que instalou no local, onze novas indústrias, e aprovou incentivos para a ampliação de dez, e reformulação de cinco. Observou-se que a geração de emprego e renda oriunda da política de industrialização regional, atrelada à política municipal, dinamizou a economia da cidade, ocorrendo o surgimento de novos bairros, e a construção de uma arquitetura que adotou uma linguagem moderna, atraindo profissionais de mais distintas cidades do país, principalmente, de Recife, Pernambuco, que construíram no local, novas paisagens urbanas modernas (AFONSO, 2017, s/p).

Tais aspectos geográficos e históricos moldaram as transformações do espaço urbano campinense, bem como os métodos projetuais desenvolvidos localmente, de forma a adaptar a modernidade aos condicionantes locais. Afonso (2017, s/p) complementa que: o número de indústrias e de operários em Campina Grande era maior do que a capital paraibana, João Pessoa, e que nos anos de 1950-1960, atingiu no conjunto de 92 municípios nordestinos, o 4º lugar em população e produção industrial da cidade”, explicando que esse fato gerou transformações na paisagem urbana, fazendo surgir uma “nova Campina”: moderna, com novas ruas, avenidas e edificações” (Idem).

A modernidade campinense

A difusão dos princípios projetuais da modernidade arquitetônica, enraizada em solo europeu, nas mais diversas cidades brasileiras em meados do século XX, propiciou o desenvolvimento de um vasto acervo de obras que vêm sendo alvo de discussões na contemporaneidade, a respeito do resgate dessa produção e seus respectivos personagens inseridos nesse contexto. Nesse cenário, estão incluídas residências, instituições públicas e privadas, complexos fabris, pátios ferroviários, entre diversas outras tipologias, que ainda não foram reconhecidas pelos órgãos preservacionistas responsáveis por suas proteções legais e inventariadas. Com isso, a documentação passa a representar uma importante ferramenta para salvaguardar a historiografia dessas construções.

Tais obras adentram em um processo de adequação e adaptação aos parâmetros de urbanização e desenvolvimento das cidades brasileiras, sendo recorrente a substituição do antigo pelo novo, da história pela contemporaneidade, do patrimônio pelo pastiche” (AFONSO; PEREIRA, 2019, p. 04).

Tirando partido disso, compreender as motivações pela qual a arquitetura moderna implanta-se em solo brasileiro, e os desafios para a preservação da autenticidade e integridade dessas obras na atualidade, passou a ser o papel de diversos pesquisadores, a exemplo de Yves Bruand (1981), que atenta para o olhar emergencial a esses exemplares, assim como, reafirmar as discussões sobre políticas conservacionistas no patrimônio edificado e imaterial.

Assim como evidentemente os estilos históricos não desapareceram de um momento para o outro, o movimento “moderno” não surgiu repentinamente. Por mais que assim possa parecer, ele é, no entanto, resultado da evolução do pensamento de alguns de alguns grupos de intelectuais brasileiros, especialmente paulistas, evolução essa que criou um mínimo de condições favoráveis, sem as quais as primeiras realizações do gênero não teriam frutificado (BRUAND, 1981, p. 61).

Conforme coloca o autor, os indícios desse movimento remetem ao interesse e curiosidade de alguns grupos de intelectuais que visavam promover condições mínimas para a propagação do conhecimento técnico-científico em todo território nacional, com ênfase para as pequenas e médias cidades do país que almejavam pelo progresso socioeconômico nas primeiras décadas do século XX. É nesse contexto que a arquitetura moderna encontra terreno fértil para sua difusão na cidade de Campina Grande, que a priori estava intimamente associada ao processo de urbanização e modernização da área central da cidade.

Nos anos 1930, tem-se indícios de uma série de reforma nos tecidos urbanos centrais, ordenadas pelo poder público, com o apoio da grande parte da elite local, utilizando medidas como desapropriações, realinhamentos e controle sobre o gabarito mínimo das reedificações no que é então legalmente definido

como centro (CARVALHO; FREIRE, 2010). Com isso, a cidade ganha status de progresso, arrojo e civilidade, conforme colocou Rocha e Queiroz (2006):

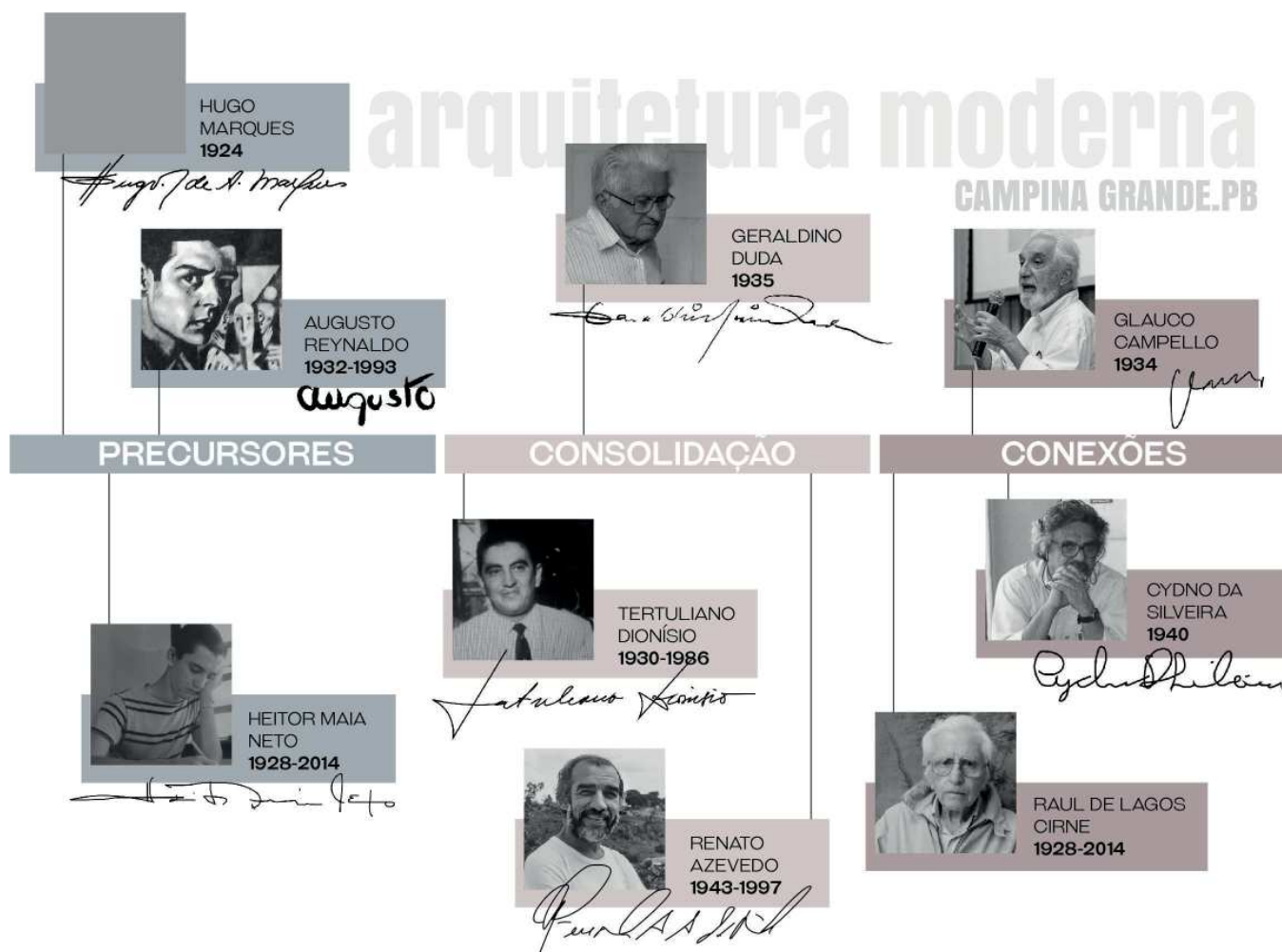
Sua inserção no cenário local aconteceu em meio a um processo de renovação da paisagem urbana campinense que se iniciou na década de 1930 (principalmente da sua região central), atravessou os anos 1940 e chegou aos 1950 com o mesmo intuito e discurso de construção de uma cidade moderna, civilizada, burguesa, pronta para o livre desenvolvimento do capital. Almejava-se edificar uma urbe sadia, arejada, fluida, bela e disciplinada, projeto utópico no qual a modernização da arquitetura ocupava um lugar de destaque, e era considerado o ‘instrumento’ ideal para combater o dito arcaísmo das construções térreas e acanhadas, cuja implantação no lote e organização espacial era ainda colonial (ROCHA; QUEIROZ, 2006, p. 02).

Os autores ainda afirmam que no caso de Campina Grande, o movimento moderno, ganhou força, em um primeiro momento, com a atuação dos profissionais vindos de outros lugares, mas logo em seguida, ou até simultaneamente, “enraizou-se em solo campinense, encontrando seus seguidores locais, que, com maior ou menor intensidade, absorveram, reinventaram e puseram em prática as concepções projetuais modernas” (ROCHA; QUEIROZ, 2006, p. 05).

Em conformidade a esse episódio, temos os profissionais vindos da Escola do Recife (AFONSO, 2006), arquitetos recém formados pela Escola de Belas Artes de Pernambuco – EBAP, encontraram em Campina Grande um “laboratório” para desenvolverem suas propostas modernas e explorarem suas práticas individuais, podendo citar aqui nomes tais como Tertuliano Dionísio, Heitor Maia Neto, Mauricio de Castro, Reginaldo Esteves, Waldeci Pinto, Paulo Vaz, Marcos Domingues, Carlos Correia Lima, Edison Lima, Augusto Reynaldo, Dílson Mota, Hélio Moreira e Ana Regina Moreira.

Com certa proximidade geográfica das capitais, onde teve uma maior influência da cidade de Recife-PE, tanto economicamente quanto arquitetonicamente através da EBAP. Muitos dos arquitetos dessa escola tiveram significativa participação na composição da arquitetura moderna campinense entre a década de 1940 e 1980. A conjuntura da produção resultante desse período contribuiu na formação de um vasto acervo de obras modernas na cidade onde as construções não apenas compõem o cenário urbano de Campina Grande, mas também, representam a dedicação de arquitetos inovadores que se negaram a “importar” modelos vindos da Europa e buscaram adaptar seus projetos com soluções voltadas ao clima, às necessidades e à cultura local (AFONSO; MENEZES, 2015, p. 07).

Aqui estão representados três momentos, especificamente da modernidade campinense: a sua origem, consolidação e difusão. A seguir, tem-se a sistematização das etapas de atuação (Figura 3) desses principais personagens que estiveram presentes nos processos de instauração e consolidação de uma arquitetura moderna em solo campinense.

Figura 3 – Etapas de construção da arquitetura moderna campinense à luz de seus principais personagens

Fonte: Montagem de Ivanilson Pereira, 2021.

Os arquitetos que representam essa primeira fase de apropriação da arquitetura moderna campinense são aqueles profissionais, que mesmo sem serem nascidos na cidade de Campina Grande, desenvolveram ali, um trabalho significativo e precursor no local, como por exemplo, os arquitetos pernambucanos Augusto Reynaldo, e Heitor Maia Neto; e o carioca Hugo Marques. Esses profissionais foram os primeiros a produzir na cidade uma arquitetura moderna, logo apreendida pelo campinense e arquiteto autodidata Geraldino Duda, que consolidou na cidade tal forma de projetar e construir, executando centenas de obras que mudaram pouco a pouco a paisagem urbana com uma nova arquitetura (AFONSO; PEREIRA, 2020).

Nesse processo de consolidação, outros arquitetos também obtiveram contribuições bastante significativas. O pernambucano Tertuliano Dionísio, que possuiu uma relação de proximidade com o setor institucional, sendo assim, o responsável pela construção de diversas obras para repartições públicas e privadas na cidade; e o campinense Renato Azevedo, que além de sua formação arquitetônica, adentra na área urbanística, coordenando e planejando importantes obras em escala urbana. Além disso, cabe destaque para os arquitetos que estabeleceram conexões com a cidade de Campina Grande para a produção de obras representativas, seja pela escala ou função que exercem. Como pode ser vista na contribuição deixada pelo mineiro Raul Cirne na arquitetura do estádio governador Ernani Sátiro (1974/1975), e do paraibano Glauco Campello no terminal rodoviário Argemiro de Figueiredo (1979/185). Além destes, o

carioca Cydno da Silveira que estende sua produção na cidade através de projetos para as mais diversas tipologias arquitetônicas em diferentes escalas de atuação, onde recebe seu maior reconhecimento pelo projeto para o edifício Agostinho Velloso da Silveira, que sedia a FIEP/ Federação das Indústrias da Paraíba (1974/1975).

Campina Grande Moderna - O livro

O resultado das pesquisas desenvolvidas ao longo de seis anos sobre o patrimônio moderno arquitetônico campinense, resultou em um livro, intitulado “Campina Grande Moderna” (Afonso, 2020) que está no prelo para impressão, aguardando recursos financeiros.

Figura 4 – Maquete do livro Campina Grande Moderna



Fonte: Maquete desenvolvida por Ivanilson Pereira, 2020.

A obra (Figura 4) reuniu parte da documentação pesquisada pelo Grupal UFCG, sendo dividida em seis eixos temáticos ou partes, compostas pelo total de vinte e cinco capítulos (Figura 5), que através de textos, e de ricas imagens de desenhos originais, redesenhos, fotografias, expõem a riqueza do acervo moderno produzido na cidade.

Figura 5 – Maquete do livro Campina Grande Moderna

Fonte: Maquete desenvolvida por Ivanilson Pereira, 2020.

Os capítulos foram produzidos por pesquisadores do Grupal, que realizaram trabalhos de pesquisa de iniciação científica, quando estudantes na graduação de arquitetura e urbanismo da Universidade Federal de Campina Grande/ UFCG. Dedicaram-se, no mínimo, um ano a cada um dos temas escritos nos distintos capítulos. Muitos dos autores, continuam estudando seus autores e respectivas obras, ou mesmo, determinada edificação, pois observou-se que, quanto mais investiga-se, mais temas vêm à tona, interligando e conectando as informações, os saberes.

Dessa forma, a primeira parte do livro, realiza esclarecimentos iniciais, expondo no primeiro capítulo, a metodologia adotada pelo grupo de pesquisa ao trabalhar com objetos com valor patrimonial. No segundo capítulo foi realizada uma síntese referente aos projetos de pesquisa desenvolvidos ao longo desses anos, expondo a trajetória do grupo de pesquisa Arquitetura e lugar em prol do resgate documental da arquitetura moderna campinense.

Ambos os artigos foram escritos por Afonso (2020) que coordenou a equipe de autores colaboradores/ pesquisadores, sendo a professora responsável pela elaboração dos projetos de pesquisa e orientação. A segunda parte está voltada para a divulgação da produção do engenheiro civil e arquiteto autodidata Geraldino Duda (Figura 6); reunindo em quatro capítulos, um recorte da produção do profissional que foi um dos mais importantes expoentes modernos campinenses. No Capítulo 03, escrito pelos pesquisadores e arquitetos Camilla Meneses e Diego Diniz, foram tratados os dados biográficos de Geraldino Duda; os mesmos autores, também foram responsáveis pelo capítulo 04, que tratou sobre a “Residência Helion Paiva: análise das dimensões arquitetônicas. 1960-XX”.

Figura 6 – Geraldino Duda e obras analisadas

Fonte: Montagem baseada em imagens do arquivo do grupo de pesquisas, por Ivanilson Pereira, 2021.

No capítulo 05, intitulado “Arqui(tectônica) de Geraldino Duda: análise do Teatro Municipal de Severino Cabral. 1962/1988”, Diego Diniz aprofundou estudos referentes à essa obra, que é referência no cenário campinense e que foi bem estudada pelo autor durante a elaboração de seu trabalho de final de curso.

Figura 7 – Maquete do Teatro Severino Cabral.

Fonte: Reconstrução virtual produzida por Diego Diniz, 2020.

Finalmente, o capítulo 06, que tratou da “Residência Heleno Sabino: análise das dimensões arquitetônicas. 1962-XX.”, de autoria de Camilla Meneses, Diego Diniz e Julia Leite, faz o fechamento da segunda parte, com estudos sobre essa casa que é uma referência no cenário arquitetônico moderno local.

A terceira parte foi dedicada ao trabalho do arquiteto pernambucano Tertuliano Dionísio (Figura 8): no capítulo 07, foram expostos os dados biográficos de Tertuliano Dionísio, de autoria de Ivanilson Pereira, com a participação da professora Alcilia Afonso. O capítulo 08, tratou sobre a “Residência José Barbosa Maia: análise das dimensões arquitetônicas. 1962-1964”, de autoria de Ivanilson Pereira e Vitória Catarine. O nono capítulo, tem como título “Aliança Clube 31: análise das dimensões arquitetônicas. 1964-XX”, também foi produzido pelos mesmos autores, que pesquisaram nos últimos dois anos, o arquiteto olindense e sua produção campinense moderna.

Figura 8 – Tertuliano Dionísio e obras analisadas



Fonte: Montagem baseada em imagens do arquivo do grupo de pesquisas, por Pereira, I. 2021.

Finalmente, o capítulo 10, que se intitula “Central da UFCG: análise das dimensões arquitetônicas. 1977-1979”, de autoria de Ivanilson Pereira que iniciou as pesquisas em 2018, sobre o profissional que teve uma atuação forte nos projetos arquitetônicos do Campus da Universidade Federal de Campina Grande/ UFCG, no bairro de Bodocongó.

A quarta parte tratou da obra do arquiteto campinense Renato Azevedo (figura 9), tanto como arquiteto, quanto urbanista; E dessa forma, o capítulo 11, se dedicou a observar os dados biográficos do profissional, sendo de autoria de Ingrid Oliveira, que também escreveu o capítulo 12, o qual possui como título “Centro Cultural Lourdes Ramalho: análise das dimensões arquitetônicas. 1982-XX”. A autora também ficou responsável pela montagem do capítulo 13 – “A atuação de Renato Azevedo na COMDECA na década de 70”. Durante sua pesquisa de iniciação científica em 2017, Ingrid Oliveira se dedicou a inventariar a obra do instigante arquiteto, que após sua formação pernambucana, retornou para Campina Grande e teve uma

atuação profissional forte. O capítulo 14 – “Museu de Arte Assis Chateaubriand/ MAAC: análise crítica da conservação. 1974/1976”, é de autoria de Alcilia Afonso que vem há anos estudando esta edificação que desperta muito interesse por sua solução projetual e construtiva, utilizando uma solução arquitetônica rica e criativa com sua planta circular e uma linguagem plástica e construtiva brutalista.

Figura 9 – Renato Azevedo e obras analisadas



Fonte: Montagem baseada em imagens do arquivo do grupo de pesquisas, por Pereira, I. 2021.

A quinta parte foi voltada para o tema das conexões arquitetônicas, da presença pontual de profissionais que viviam em outros estados, muitos em outras regiões, que não o nordeste brasileiro, e que por isso, tiveram, que se adaptar à realidade do clima quente seco do lugar e procurar soluções projetuais distintas das que praticavam em suas cidades de trabalho. Alcilia Afonso desenvolveu toda essa quinta parte e observou a riqueza de tais conexões. Assim, os capítulos 15 ao 20, trouxeram à tona a importância da presença de arquitetos que deixaram a sua marca na cidade e contribuíram indiretamente para a implantação e consolidação da arquitetura moderna local.

Aqui, cada arquiteto teve seus dados biográficos levantados e uma determinada obra analisada. Foram eles: o pernambucano Augusto Reynaldo, que foi contemplado com a análise da residência Vieira e Silva. 1957/1958 (capítulo 15); o arquiteto recifense, Heitor Maia Neto, autor da Escola Politécnica da Paraíba. 1959/1962 (capítulo 16); o carioca Hugo Marques, com uma de suas obras analisadas- residência João Felinto de Araújo. 1965/XX (capítulo 17); o mineiro Raul de Lagos Cirne, autor do estádio Ernani Sátiro – “O amigão”. 1974/1975 (capítulo 18); o paraibano de Mamanguape, mas vivendo a muitos anos fora do estado, em cidades como Rio de Janeiro, e Brasília- Glauco Campello: com sua obra para a estação rodoviária Argemiro de Figueiredo. 1979/ 1985 (capítulo 19); e o carioca, Cydno Ribeiro da Silveira, autor de dezenas de obra na cidade, sendo selecionada para análise, o edifício Albano Franco – sede da FIEP. 1978/1983 (capítulo 20). Na Figura 10, traz-se -se imagens desses personagens e as obras analisadas no livro Campina Grande Moderna.

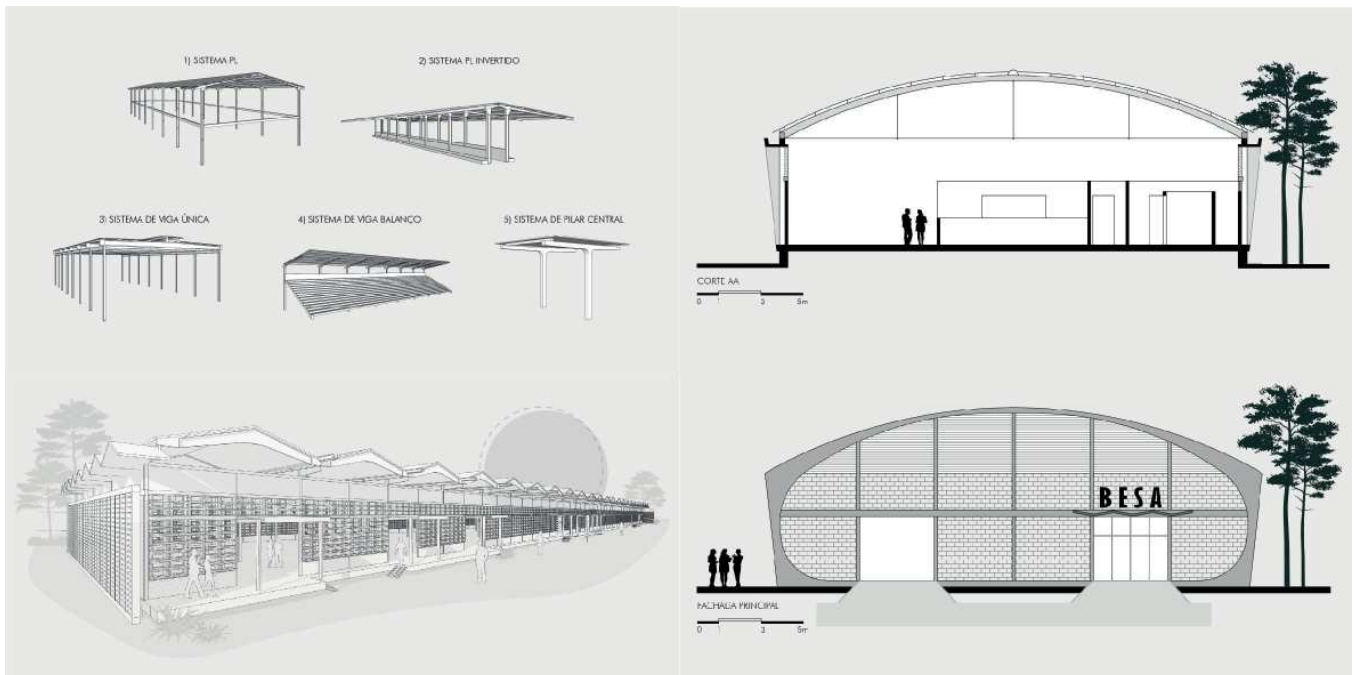
Figura 10 – Arquitetos da conexão da modernidade



Fonte: Montagem baseada em imagens do arquivo do grupo de pesquisas, por Ivanilson Pereira, 2021.

A sexta e última parte possui como tema, algumas questões pertinentes ao patrimônio moderno industrial e foi trabalhada por pesquisadoras que atuaram nessa área, tais como Julia Leite, Roberta Rodrigues, Vitória Catarine- sob orientação da professora Alcilia Afonso.

Figura 11 – Reconstrução virtual da Fábrica Besa/ atual bloco da Alpargatas



Fonte: Montagem baseada em imagens do arquivo do grupo de pesquisas, por Ivanilson Pereira, 2021.

Dessa maneira, o capítulo 21 tratou sobre o contexto da industrialização na segunda metade do século XX. 1960/ 1980, tendo como autora, Julia Leite; O capítulo 22, “As indústrias da modernidade vinculadas à construção civil: 1968/ 1971”, Alcilia Afonso; o capítulo 23, “Estudos tectônicos da Fábrica da Wallig Nordeste S/A. 1965/ 1967” escrito por Julia Leite; o capítulo 24, “ Premol: análise da dimensão histórica. 1964/ XX “de Alcilia Afonso em parceria com Ivanilson Pereira; e, finalmente, o capítulo 25, “BESA: análise das dimensões arquitetônicas XX/XX.”, de autoria de Roberta Rodrigues e Vitória Catarine. (Figura 11).

Considerações finais

Sem dúvida, sabe-se que cada capítulo poderia ter sido mais bem aprofundado, mas relembra-se que a intenção do nosso trabalho é socializar as nossas pesquisas, os resultados que temos até o momento, possibilitando o acesso a outras pessoas que desejem continuar as investigações, e a partir daqui, vermos como usar essa documentação para se preservar e conservar o acervo arquitetônico moderno.

A proposta que se almeja é de que seja possível ainda, intervir nesse patrimônio edificado de forma ética, técnica e correta: reconhecendo-se o valor da autoria das obras, das soluções projetuais, tectônicas (construtivas), espaciais, formais, funcionais. Documenta-se aqui para resgatar, salvaguardar, educar e sensibilizar a população, os estudantes em geral, técnicos, políticos, empresários, atores sociais que possuem o papel constitucional de zelar pelo patrimônio cultural brasileiro, regional e local. Estamos dando a nossa contribuição a tal processo, socializando os resultados de nossas investigações até o momento.

Através de uma rede de pesquisa com uma linha direcionada para a “documentação do patrimônio cultural”, incentivada pelo comitê científico nacional do Icomos Brasil, o grupo de pesquisa que possui parte de seus membros também vinculados ao Docomomo Brasil vem realizando articulações ainda com o Ticcih Brasil, trabalhando de forma interdisciplinar com as tipologias patrimoniais de documentação, modernidade e patrimônio industrial, como uma maneira de fortalecer as pesquisas e inserir os resultados delas nas discussões nacionais, e mesmo, internacionais sobre a documentação e a conservação da modernidade produzida no agreste paraibano do nordeste brasileiro, interiorizando o saber, resgatando valores e aumentando o conhecimento sobre a diversidade de lugares e arquiteturas.

Referências

- AFONSO, A. **Campina Grande Moderna**. Teresina: EDUFPI, 2020.
- AFONSO, A. **Arquiteturas do sol**. Resgate da modernidade no nordeste brasileiro. Teresina: EDUFPI, 2020.
- AFONSO, A. A produção arquitetônica moderna dos primeiros discípulos da escola de Recife. In: AFONSO, A. (Org). **Arquiteturas do sol**. Teresina: EDUFPI, 2020. pp. 55-74.
- AFONSO, A. **La consolidación de la arquitectura moderna en Recife en los años 50**. Barcelona: tese doutoral apresentada para o programa de doutorado em projetos arquitetônicos da ETSAB/UPC, 2006. Volume 1.
- AFONSO, A. Notas sobre métodos para a pesquisa arquitetônica patrimonial. **Revista Projetar** - Projeto e Percepção do Ambiente, v. 4, n. 3, pp. 54-70, dez. 2019.

- AFONSO, A. **O processo de industrialização na década de 1960 e as transformações da paisagem urbana do bairro da prata, em Campina Grande.** Barcelona: Seminário internacional de investigação em urbanismo. UPC. 2017.
- AFONSO, A.; MENEZES, C. **A Influência da escola do Recife na arquitetura de Campina Grande 1950-1970.** Belo Horizonte: 4º Seminário Ibero americano Arquitetura e Documentação, 2015.
- AFONSO, A.; PEREIRA, I. **Acervo arquitetônico moderno da Universidade Federal de Campina Grande-PB. Bloco CM.** Salvador: 13º Seminário Docomomo Brasil, 2019.
- AFONSO, A.; PEREIRA, I. Origem e consolidação da arquitetura moderna em Campina Grande/ PB: personagens e projetos. 1950-1970. **Revista Jatobá**, [S. l.], v. 2, 2020.
- ANDRADE, N. Patrimônio arquitetônico. In: CARVALHO, A e MENEGUELLO, C. (org). **Dicionário temático de patrimônio.** Debates contemporâneos. Campinas: UNICAMP, 2020. pp. 39-42.
- BRUAND, Y. **Arquitetura Contemporânea no Brasil.** São Paulo: Ed. Perspectiva, 1981.
- CAMARGO, M. J. N. Patrimônio do moderno. In: CARVALHO, A; MENEGUELLO, C. (org). **Dicionário temático de patrimônio.** Debates contemporâneos. Campinas: UNICAMP, 2020. pp. 169-172.
- CARVALHO, J.; FREIRE, A. A. **Augusto Reynaldo, introdutor e difusor da arquitetura residencial moderna em Campina Grande-PB.** João Pessoa: 3º Seminário DOCOMOMO Norte Nordeste, 2010.
- FELDMAN, S. In: CARVALHO, A; MENEGUELLO, C. (org). **Dicionário temático de patrimônio.** Debates contemporâneos. Campinas: UNICAMP, 2020. pp. 55-58.
- FERREIRA, A. **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: editora Nova Fronteira. 1988.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. IBGE, 2021. **Panorama:** Campina Grande. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/campina-grande/panorama>>. Acesso em: 08 de julho de 21.
- JALES, L. S.; BARROS FILHO, M. N. M. Áreas urbanas em beira d'água: uma análise da visibilidade do açude de Bodocongó em três dimensões. **XVII Congresso de iniciação científica da Universidade Federal de Campina Grande.** 2020.
- PIÑON, H. **El sentido de la arquitectura moderna.** Barcelona: Ediciones UPC, 1997.
- QUEIROZ, M. **Quem te vê não te conhece mais: arquitetura e cidade de Campina Grande em transformação (1930-1950). Dissertação.** Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo. Escola de Engenharia de São Carlos. Universidade de São Paulo, 2008.
- REZENDE, A. P. **(Des)encantos modernos.** Histórias da cidade do Recife na década de vinte. Recife: FUNDARPE, 1997.
- ROCHA, F.; QUEIROZ, M. **Caminhos da arquitetura moderna em Campina Grande:** emergência, difusão e a produção dos anos 1950. Recife: 1º Seminário DOCOMOMO Norte Nordeste, 2006.
- SEGAWA, H. **Arquitetura no Brasil.** São Paulo: EDUSP, 1997.

Submetido em: 30.08.2021

Aceito em: 20.10.2021